



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE ARIQUEMES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
ROSENI DE SOUZA SOARES

O MÉTODO DE ENSINO NAS TURMAS DE 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
NUMA ESCOLA PÚBLICA EM JARÚ

Ariquemes-RO
2015

ROSENI DE SOUZA SOARES

O MÉTODO DE ENSINO NAS TURMAS DE 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
NUMA ESCOLA PÚBLICA EM JARÚ

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia - habilitação das séries iniciais do Ensino fundamental e Gestão Escolar da Universidade Federal de Rondônia.

Ariquemes-RO
2015

Dados de publicação internacional na publicação (CIP)

Biblioteca do Campus de Ariquemes/UNIR

S676m

Soares, Roseni de Souza

Método de ensino nas turmas de 1º ano do ensino fundamental numa escola pública em Jarú. / Roseni de Souza Soares. Ariquemes-RO, 2015.
41 f.

Orientador (a): Prof.(a) Me. Eliete Zanelato.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Fundação Universidade Federal de Rondônia. Departamento Pedagogia, Ariquemes, 2015.

1. Método de ensino. 2. Alfabetização – ensino fundamental. 3. Dificuldades na alfabetização. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. II. Título.

CDU: 37.012: 373.3

Bibliotecária Responsável: Fabiany M. de Andrade, CRB: 11-686.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE ARIQUEMES**

Criado pela Resolução 006/CONSUN, de 16 de maio de 2007

Av. Tancredo Neves, 3430 - Centro/ Ariquemes-RO / Cep: 78.872-648
Fone/Fax: (69) 3535-3553 E-mail: campusariquemes@unir.br

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - DECED

ROSENI DE SOUZA SOARES

**MÉTODO DE ENSINO NAS TURMAS DE 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
NUMA ESCOLA PÚBLICA EM JARÚ**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Banca Examinadora

Prof.^a Me. Eliete Zanelato – DECED/UNIR

Membro: Prof.^a Me. Maria Auxiliadora Máximo – DECED/UNIR

Membro: Prof. Me. Hugo Athanasios Fotopoulos – DECED/UNIR

Ariquemes-RO, 17 de Novembro de 2015.

Agradeço primeiramente a Deus, que está sempre presente em minha vida e que me traz força para caminhar, aos meus pais que estão confiantes na realização de meus sonhos e que verdadeiramente estão ao meu lado, aos meus colegas de classe e demais formandos pela amizade e companheirismo, e em especial a Professora Eliéte Zanelato que me acompanhou e colaborou na realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho objetiva identificar o contexto do ensino nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Jarú/RO. Como objetivos específicos são traçados, verificar: as dificuldades encontradas no processo de alfabetização; o método pretendido e utilizado pelos professores do 1º ano; as condições de ensino na escola pesquisada. Para atingir os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa empírica. Na bibliográfica optou-se pelo estudo de teóricos como Saviani (2007), Gasparin (2002) e Ferreiro (2003). Para a pesquisa empírica realizou-se uma entrevista semiestruturada com cada professor que ministra aula nas turmas de 1º ano da escola e observaram-se as aulas no decorrer de uma semana em cada turma. O que pode-se perceber é que as professoras não defendem um método e confundem método com metodologia e técnicas de ensino. A escola disponibiliza de materiais considerados bons, como livros didáticos e infantis, recursos como a internet, sala de vídeo e de leitura, sala de informática, entre outros recursos pedagógicos, entretanto são em pouca quantidade. As dificuldades anunciadas pelas professoras se pautaram na idade das crianças que frequentam a classe de alfabetização, na falta da participação da família na escola e nas interferências sociais.

Palavras-chave: Método de Ensino. Alfabetização. Dificuldades na Alfabetização.

ABSTRACT

This paper aims to identify the context of teaching in classes of 1st year of primary school to a public school of Jarú / RO. The specific objectives are outlined, check: the difficulties encountered in the literacy process; the desired method and used by teachers of the 1st year; teaching conditions in the researched school. To achieve the proposed objectives, there was a literature and empirical research. In literature we opted for the theoretical study as Saviani (2007), Gasparin (2002) and Smith (2003). For the empirical research carried out a semi-structured interview with each teacher who teaches classes in the school year 1 classes and lessons were observed during a week in each class. What can be noticed is that the teachers do not advocate a method and confuse method with methodology and teaching techniques. The school offers materials considered good, as educational and children's books, resources such as the internet, video and reading room, computer room, and other teaching resources, but they are in short supply. The difficulties announced by the teachers were based on the age of the children who attend the literacy class, in the absence of family participation in school and social interference.

Key-words: teaching method. Literacy. Difficulties in Literacy

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 AS CONCEPÇÕES DE ENSINO	8
2.1 Perspectiva histórica e as concepções de ensino no Brasil	8
2.2 Os métodos de alfabetização.....	11
2.2.1 Sintético.....	11
2.2.2 Analítico	15
2.2.3 Construtivismo	17
2.2.4 Letramento.....	19
2.3 Alfabetização na Perspectiva Histórico-Crítica	22
3 METODOLOGIA	26
4 ANÁLISE DE DADOS	28
4.1 As condições de ensino na escola pesquisada	29
4.2 O método pretendido e utilizado pelos professores do 1º ano e as dificuldades encontradas no processo de alfabetização	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	39
APENDICE	41

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização sempre foi o foco de discussões e reflexões no ambiente escolar, principalmente no que tange métodos mais adequados para alfabetizar e a utilização de práticas pedagógicas que contribuíram no ato de ensinar. A realização deste trabalho seu deu na busca de entender melhor o processo de alfabetização e quais seus impactos para a aprendizagem dos alunos.

O interesse surge a partir do contato direto com o ambiente escolar, que foi possível através da participação nos estágios supervisionados realizados durante o curso de Pedagogia, o qual se observou o papel da escola de fato, suas potencialidades e necessidades.

O presente trabalho objetiva identificar o contexto do ensino nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Jarú/RO. Como objetivos específicos são traçados, verificar: as dificuldades encontradas no processo de alfabetização; o método pretendido e utilizado pelos professores do 1º ano; as condições de ensino na escola pesquisada.

Para atingir os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa empírica. Na bibliográfica optou-se pelo estudo de teóricos como Saviani (2007), Gasparin (2003) e Ferreiro (2003). Para a pesquisa empírica realizou-se uma entrevista semiestruturada com cada professor que ministra aula nas turmas de 1º ano da escola e observaram-se as aulas no decorrer de uma semana em cada turma.

O trabalho está dividido em quatro seções, a primeira refere-se à introdução. A segunda trata-se do referencial teórico que aborda a questão histórica das concepções de ensino no Brasil, bem como os métodos de alfabetização que foram e são utilizados nas escolas.

A terceira seção trata-se da metodologia trazendo o descritivo da base empírica, traz ainda a abordagem teórico-metodológica do problema da pesquisa. Na seção quatro apresentam-se os resultados da coleta de dados, respondendo aos objetivos previamente elencados.

2 AS CONCEPÇÕES DE ENSINO

Este capítulo trata de fazer uma abordagem sobre as diferentes concepções de ensino e sua implicação no processo de ensino aprendizagem. Inicialmente faremos apresentação dos principais métodos de alfabetização de crianças usadas no ambiente escolar.

Busca-se nesta perspectiva fazer um estudo bibliográfico de diferentes autores a respeito dos métodos de alfabetização no processo ensino aprendizagem. A seguir faz-se um estudo sucinto sobre as concepções de ensino no Brasil que tem início na educação jesuítica, passando pela Escola Tradicional, Escola Nova, Construtivista e Histórico-Crítica.

2.1 Perspectiva histórica e as concepções de ensino no Brasil

Método de ensino significa caminho para algo, uma ação encaminhada a um fim, um meio para conseguir um objetivo determinado. O valor do método sempre estará condicionado à meta a que nos propomos. [...] eles visam à formação integral do educando e dão unidade a toda a ação docente. (SANT'ANNA e MENEGOLLA, 2002, p. 45).

Historicamente os métodos de ensino são motivos de muitas discussões, constantemente por pessoas interessadas em acabar ou pelo menos minimizar alguns problemas da educação brasileira. Quais são os principais métodos de alfabetização? Como se ensina? A quem se ensina? Quais as características de cada método de ensino?

Desde a época dos jesuítas (1549), já se procuravam métodos que fossem regulares ou que contribuíssem para a educação do momento. A Companhia de Jesus tinha como pressuposto as reproduções das aulas, aulas repetidas que subtendiam a ajudar para aprender o conteúdo proposto, tinha ainda o objetivo em formar um homem culto com princípios voltados aos interesses da religião.

O ensino era uma mera transmissão de conhecimentos, basicamente ensinamentos católicos, julgados importantes na época. Mas, com o avanço do humanismo, viu-se a necessidade em transformar a educação limitada aos princípios religiosos, precisou-se ir além de apenas um ensino voltado à pregação, ao catecismo, a confissão, por fim decidiram-se apoderar de uma educação muito além do que se vivia, a partir do método empregado.

O método pedagógico jesuítico *Ratio Studiorum*, que significava a ordem dos estudos ou o método de ensino, fundamentava-se na teoria de Aristóteles e de Santo Tomás de Aquino. Sua última versão publicada em 1599, intitulada *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*, introduz e consolida um sistema integrado para os colégios jesuítas baseado nas Regras do Colégio Romano. A criação pelos protestantes de um método denominado *Rationes Studiorum*, mostrou ser possível compatibilizar o humanismo com o

cristianismo e influenciou os jesuítas a criarem um método para o professor católico. Método que se distinguia do protestantismo pelo caráter seletivo obrigatório, pelos programas, pela definição de horários, e que visava à formação integral cristão de acordo com a Fé e a cultura daquele tempo. (VEIGA, 2008, p. 20).

A partir das ideias dos jesuítas, aparecem muitas outras que vêm sendo aperfeiçoadas pelos estudiosos conforme as mudanças históricas ocorridas ao longo da história da educação e da própria sociedade. Conforme o aspecto histórico pode se observar que a educação está presente desde a época do Brasil colônia, embora a sua finalidade fosse apenas catequizar os índios e não proporcioná-los uma conscientização do mundo.

No século XIX teve início no Brasil a escola tradicional que buscava basicamente transformar a sociedade, mas de uma forma bem peculiar, na qual o papel da escola a partir do professor era de, repassar para o aluno o conhecimento. Neste cenário o professor era o principal responsável pelo saber e por todo o conhecimento. De acordo com Saviani (2008, p. 35).

O ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas se constitui após a revolução industrial e se implantou nos chamados sistemas nacionais de ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados do século passado, no momento em que consolidado o poder burguês, aciona-se escola redentora da humanidade universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de consolidação da ordem democrática.

A escola tradicional predominava um ensino que o professor era o dono do conhecimento e era responsável por repassar esse conhecimento ao aluno, ocorria de forma mecânica, uma educação preocupada em priorizar o desenvolvimento intelectual e moral, ainda aí, o conhecimento prévio do aluno não era levado em consideração, priorizava-se transmitir o que estava no currículo, ou seja, era uma educação voltada para memorização de fórmulas e conceitos. “Classifica o método tradicional como método intelectualista e enciclopédico, visto que trabalha os conteúdos separadamente da experiência do aluno e das realidades sociais”, segundo Saviani (1988, p.23).

Nesse contexto cabe ao professor repassar conteúdos prontos e ao aluno aprender a memorizar as informações transmitidas, somente o professor possui o conhecimento e cabe ao aluno receber esse conhecimento sem questionar, era uma relação de autoritarismo no qual o professor era o sujeito ativo do processo ensino aprendizagem e o aluno, bastava ser receptor.

Por um longo período da história da humanidade a principal função da escola era desenvolver as habilidades de leitura e escrita, ficando indiferente às mudanças sociais do seu tempo.

De acordo com Saviani (2005, p.88), “a escola tradicional chama de marginalizado aquele que não é esclarecido, o papel da escola seria apenas propagar a instrução e sistematizá-la. Por isso, a escola tradicional se concentra no professor bem preparado”. Nesse contexto a educação não estava preocupada em proporcionar o conhecimento, mas, sim a assimilação dos conteúdos, ou seja, competia a educação, moldar o aluno.

A partir daí, passou a ser responsabilidade da escolar, ensinar a criança a ler e a escrever. Nesse período começa a surgir diferentes concepções e métodos de ensino visando sempre o melhor caminho.

Em meio ao processo de educação, existem várias concepções em prol dos significados do ensino. Existem concepções posicionadas à figura do educador, normalmente vistas na educação tradicional, algumas têm o educando como sujeito principal para o processo de ensino, precisamente visualizadas nas tendências da Escola Nova. E outras mais atuais centradas não somente no professor e não somente no aluno, mas, em todo o conjunto destes fatores.

A Escola Nova no Brasil nasceu da necessidade de superar a concepção tradicional, teve início na metade do século XX, seu principal foco é a renovação do ensino, onde uma educação de qualidade só será possível quando preparar o indivíduo para viver em sociedade. De acordo com (DEWEY 1967, p. 7), “a escola não pode ser uma preparação para a vida, mas, sim a própria vida”. Nesse contexto a educação precisa apropriar-se do seu principal papel, em prol de uma construção conjunta do processo ensino aprendizagem, além de exercer o seu papel social. Assim a principal função da Escola Nova era expandir o ensino e contribuir para a educação no país. Segundo (DEWEY 1967, p.31), “as escolas deveriam deixar de serem meros locais de transmissão de conhecimentos”. Essas convergências pedagógicas são de grande importância para a Educação, pois contribuem diretamente à prática de um trabalho docente mais consciente.

Questões incididas pelos próprios professores descrevem que, onde há um processo de ensino que tenha o aproveitamento de pressupostos da educação, sejam estes, teorias, concepções ou o próprio método, certamente acarretará em aulas verdadeiramente significativas, que façam sentido para o aluno.

Neste sentido, a educação precisa ser revista, pois não se pode trabalhar com métodos arcaicos, no qual, trata o aluno que está sendo alfabetizado e que este, não é um indivíduo sem cultura.

É primordial proporcionar um novo conhecimento a partir das situações vivenciadas pelo sujeito que está em um novo processo de aprendizagem. Saviani (2005) diz que para

aceitar um novo pensamento teórico, é necessário que se desestabilize a uma sugestão já constituída. E que, não basta reconhecer o “moderno” como uma verdade para que esse fato transforme a forma de pensar.

Já a pedagogia tecnicista teve sua origem norte americana, uma concepção que surgiu no Brasil na década de 60 do século XX, sua principal função é produzir sujeitos capazes e eficientes para o mercado de trabalho.

Conforme Libâneo (2006, p.29), “seu interesse imediato é o de produzir indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho, transmitindo, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas”. Nessa concepção, professor e aluno tem papéis definidos a cumprir, ou seja, são expectadores do processo de ensino aprendizagem, é uma prática modeladora do comportamento humano com o objetivo de garantir a eficiência do mercado de trabalho.

2.2 Os métodos de alfabetização

Durante muito tempo a alfabetização foi entendida apenas como decodificação de palavras, no qual se limitava na aquisição e leitura de pequenas sílabas, sons e frases curtas, com o passar dos anos esse conceito mudou, surgiram várias expectativas sobre alfabetização. Hoje a educação passa por várias mudanças e transformações, nas quais, os educandos precisam estar inseridos nas transformações culturais e na política.

A alfabetização é um processo pelo qual se adquire o comando de um código e das habilidades para o ato da leitura e da escrita, o letramento pode ser definido como um mecanismo que desenvolve as habilidades de aptidão para ler e escrever. Segundo Soares (2003, p.93):

Métodos é a soma de ações baseados em um conjunto de princípios e hipóteses psicológicas, linguísticas, pedagógicas, que respondem a objetivos determinados. Em alfabetização o método será, pois o resultado da determinação dos objetivos a atingir (conceitos, habilidades, atitudes que caracterizarão a pessoa alfabetizada).

Tendo em vista o objetivo deste trabalho e considerando a ideia de que serão analisadas as concepções de professores, expõem-se aqui algumas concepções filosóficas da educação, destacando: Sintético; Analítica; Construtivismo e Letramento.

2.2.1 Sintético

Os métodos de alfabetização surgiram com a intenção de proporcionar a criança ágeis formas para aprender a ler e a escrever, cada método veio atender suas necessidades conforme

suas determinadas épocas. Até os anos 80 do século XX foram utilizadas e compreendidas aí, três diferentes métodos que serviam para auxiliar o professor no processo de alfabetização.

O método sintético é considerado o primeiro no ensino aprendizagem na leitura e na escrita e começou a ser usado numa época em que as instituições começaram a buscar novos paradigmas com o intuito de melhorar este processo de ensino aprendizagem.

Acreditava-se que a criança era iniciada no mundo da leitura somente ao ser alfabetizada, pensamentos estes, que não leva em conta toda a experiência que a criança tem, antes mesmo de ser capaz de ler os signos escritos. Conforme (FRADE 2007, p. 27):

Decoração oral das letras do alfabeto, seu reconhecimento posterior em pequenas sequências e numa sequência de todo o alfabeto, e finalmente de letras isoladas. Em seguida decoração de todos os casos possíveis de combinações silábicas, que eram memorizadas sem que estabelecesse a relação entre o que era reconhecido graficamente e o que as letras representavam, ou seja, a fala.

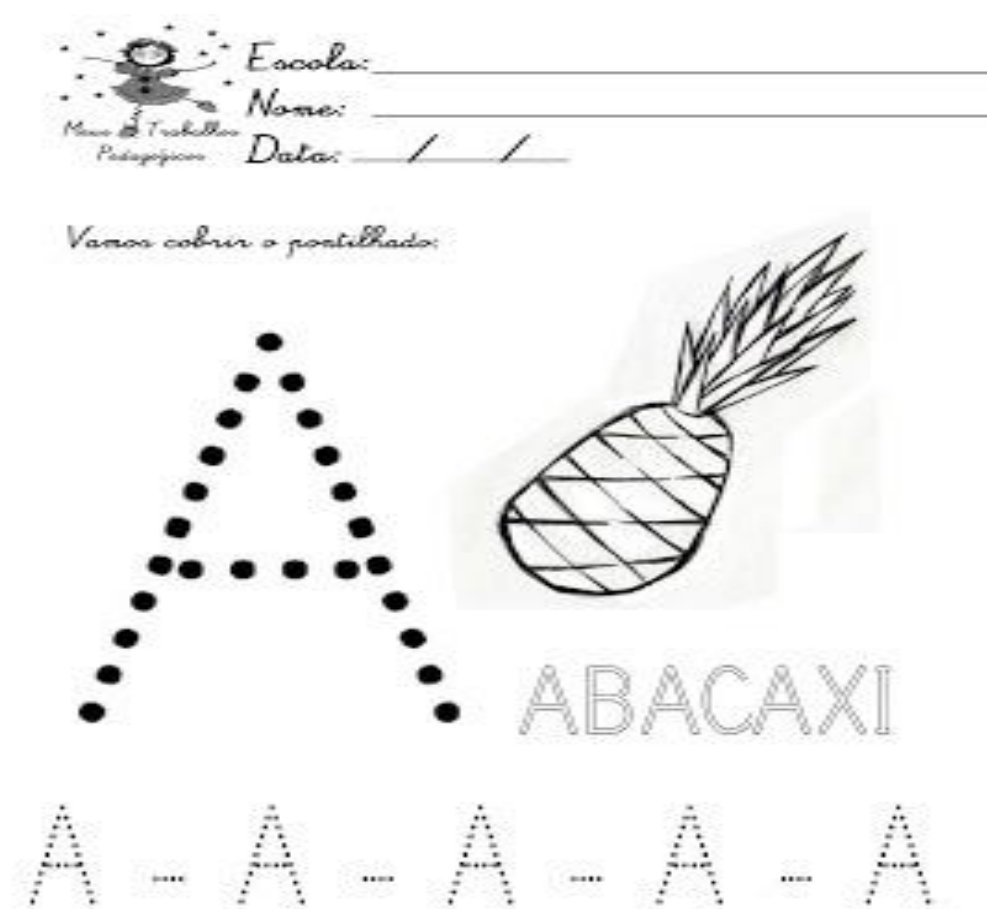
O método sintético apesar de considerado como um dos métodos mais rápido para aquisição da leitura baseava-se basicamente, pois o processo de leitura acontece de partes para um todo, ou seja, letra por letra, era uma leitura mecânica e que o aprendizado era feito por letra, sílabas e palavras, portando era um aprendizado cansativo e enfadonho.

Os métodos sintéticos são divididos em três: alfabético ou soletrativo, fônico e silábico. O processo de alfabetização durante muito tempo foi entendido como apenas decodificação de palavras, no qual se limitava na aquisição de leitura de pequenas sílabas, sons e frases curtas.

Alfabético ou soletrativo é um dos mais antigos do processo de alfabetização, tem como princípio básico a leitura, a decoração oral das letras do alfabeto e todas as suas combinações silábicas e depois as palavras. É um processo que o aluno começa a ler palavras curtas, vai soletrando as sílabas até decodificar palavras. Nessa perspectiva, não considera os conhecimentos dos alunos, como dizia Freire, (1987, p.36) “a criança era tratada como uma tábua rasa, até chegar ao ambiente escolar”. Apesar de muita crítica ainda é um método muito utilizado nas escolas por não levar em conta o ponto mais importante da alfabetização, insistem em introduzir os alunos à leitura com palavras aparentemente simples e sonoras.

Segue abaixo exemplo ilustrativo do método alfabético:

Figura 1 – Método alfabético



Fonte: Google imagens

O *fônico* consiste basicamente na associação entre grafemas e fonemas, é uma associação de sons e letras. O seu ensino consiste basicamente da parte simples para uma mais difícil ou complexa. Esse método prioriza algumas atividades lúdicas com o intuito de que a criança aprenda a codificar a fala em escrita. Conforme Capovilla e Seabra (2010, p. 80):








A instrução fônica sistemática produz benefícios significativos para as crianças desde o ensino infantil até a sexta série para aqueles que têm dificuldades de aprender. Crianças de pré - escola que recebem instrução fônica sistemática mostram melhoras nas habilidades de ler e escrever palavras.

Desse modo, o método fônico nasceu com a justificativa de criticar o método de soletração, de acordo com os estudiosos esse método alfabetiza a criança em alguns meses, e é um dos métodos mais aceitáveis entre os países desenvolvidos.

Segue também exemplo ilustrativo:

Figura 2 – Método fônico

ALFABETO DOS FONEMAS

A		Q	B		B
a		q	b		b
C		C	D		D
c		c	d		d
E		E	F		F
e		e	f		f
G		G	H	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; text-align: center;">SOM DA LETRA SEGUINTE</div>	H
g		g	h		h

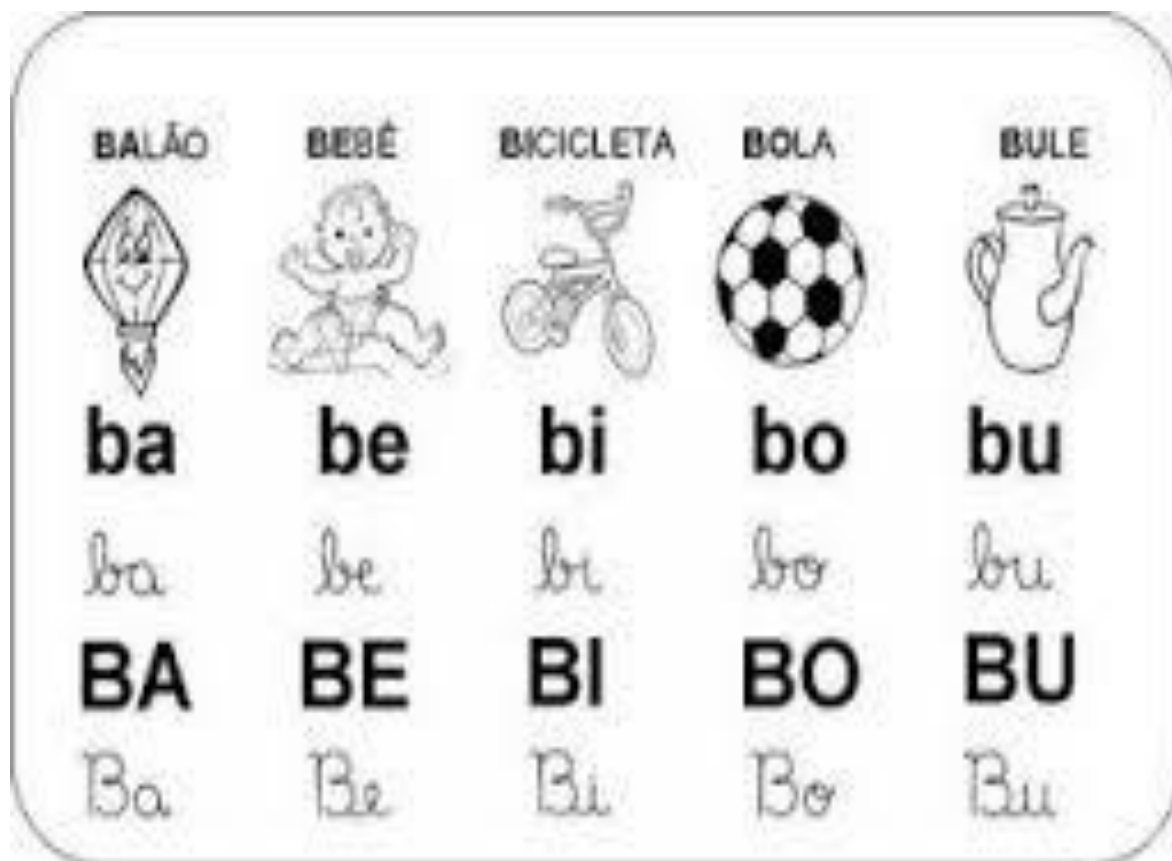
Fonte: Google imagens

O *silábico*, esse método é o estudo das sílabas, é o ponto de partida para o ensino da leitura, a princípio o aluno estuda as sílabas para depois chegar as palavras, consiste prioritariamente a uma leitura mecânica de textos, vinculando a palavra a imagem, por exemplo, **MA= MACACO**.

Essa prática requer um conjunto de procedimentos sobre a escrita que não exigem uma elaboração cognitiva por parte do aluno, usando como referências os conhecimentos sobre o valor sonoro convencional das letras e informações parciais sobre os conteúdos. Nesse contexto a criança não age de forma autônoma apenas repete as ações exigidas pelo professor.

Segue ainda, exemplo ilustrativo do método silábico:

Figura 3 – Método silábico



Fonte: Google imagens

Sendo assim, o método sintético tem como principal objetivo ensinar o sistema alfabético, a escola ensina aos alunos somente como um aspecto formal da escrita e da leitura, sem explicar o porquê da sua importância.

2.2.2 Analítico

Quando se fala como e quais as melhores formas de ensinar os alunos no processo de alfabetização, muitos professores não conseguem responder uma pergunta tão pertinente no meio escolar, muito embora, se saiba das atitudes praticadas nas escolas, um ensino arcaico que não prioriza em nada os conhecimentos de vida dos educandos, o método silábico de alfabetização continua sendo o mais usado nas salas de educação e cria-se uma evidente contradição, lêem-se e escrevem-se, mas, o ensino da escrita alfabética não muda.

Entre eles estão os métodos analítico que vem romper o processo de decifração, ele prioriza o aluno a analisar a palavra como um todo, possibilitado uma compreensão do que está escrito.

Enfim, esse método tem como foco principal proporcionar o desenvolvimento e organização da criança, trabalha-se para não inibir os alunos e deixar que explorem a própria concepção de escrita. O método analítico é dividido em três partes que são palavração, sentencição e global.

Palavração é um método que estuda as palavras sem decompô-las, no qual as palavras são apresentadas aos alunos através de visualização gráficas com o intuito de compreender o que está escrito ligando à palavra a imagem, a princípio começa com palavras simples, ou seja, é um método de memorização que conscientemente levá-lo-á, ao um novo aprendizado.

De acordo com Mortatti (2000, p.108):

O método de palavração racional e lógico, que impede a decoraçção; emprego abundante de gravuras nítidas e interessantes para as crianças; aspecto elegante e agradável da impressçção, gradaçção das dificuldades; supressão da entçção tradicional “página dos ditongos”, possibilidade de utilizaçção como auxiliar a escrita da linguagem.

Essas concepçções ainda estçco pautadas em proposta que defende a alfabetizaçção pautada nos conteúdos escolares que, somente serçco aprendidos através da memorizaçção, não de uma construçção conceitual daquilo que estçco sendo aprendido e ensinado na escola. “As atividades sçco desenvolvidas tendo como procedimentos, o uso de cartões de fixaçção em que relacionam palavras e gravuras, também sçco utilizados recursos sinestésicos para o movimento da escrita de cada palavra”, segundo (FRADE 2007, p.25).

Sentencição tem como principal objetivo levar os alunos a compreender a decifrar a frase para depois analisar as sílabas que compõem a palavra, basicamente a partir de uma palavra, possibilitar a construçção de novas palavras. Por um longo período de tempo, a principal função da escola era desenvolver as habilidades de leitura e escrita ficando indiferente se o aluno compreenderia o modo que era estabelecido no processo de ensino aprendizagem. É necessário que no ambiente escolar, o aluno possa vivenciar o seu desenvolvimento na sua plenitude e assim possibilitar a construçção de cidadãos críticos.

Global é um dos mais complexos de todos, surgiu no início do século XX e baseava-se a princípio de levar o aluno a leitura de pequenos textos, músicas, para depois conhecer palavras, sílabas e letras. Busca basicamente com que o aluno compreenda o que é ler e descobrir o que está escrito.

Veja exemplo ilustrativo:

Figura 4 – Método global

**Vejo uma bonita vaca.
A vaca é a Violeta.
Violeta é do vovô.
Vovô bebe leite da vaca.**

vaca	veio	ôvo
cava	veja	novo
cavalo	vadio	povo
cavava	vida	vovô
ouve	viva	vovó
couve	vivo	vila
uva	voa	vivi
viúva	voava	viola

va ve vi vo vu

va ve vu vo vu

V v

Vv

Exemplo 5 – Página da cartilha *Caminho suave*, de Branca A. de Lima, 8ª ed., São Paulo: [ed. da autora], 1954, p. 23
Fonte: Centro de Referência para a Pesquisa Histórica em Educação (Unesp-Marília)

2.2.3 Construtivismo

O método construtivismo teve início no contexto educacional brasileiro na década de 80 do século XX, com o intuito de buscar novas práticas que visem desenvolver as habilidades de aptidão para ler e escrever, mas, visando sempre respeitar o desenvolvimento intelectual de cada criança. Por um longo tempo pesquisadores e estudiosos, buscaram novas propostas pedagógicas, visando compreender qual a melhor maneira para alfabetizar uma criança.

Os principais defensores do método construtivismo são Piaget, Emília Ferreiro e Ana Teberosky que desenvolveram muitas descobertas de como a criança aprende a ler e escrever. De acordo com eles, a criança só tem o domínio da escrita quando começa a internalizar o código escrito. Na concepção construtivista o aluno é o sujeito no processo ensino aprendizagem, “nessa perspectiva o sucesso ou fracasso da alfabetização relaciona-se com o estágio de compreensão da natureza simbólica da escrita em que se encontra a criança”, com Soares (2003, p.19).

Portanto, evidencia que é de fundamental importância que a escola ensine aos alunos, não somente o aspecto formal da escrita, mas, também de como fazer bom uso dela e o porquê da sua importância. Nesse contexto cabe a escola proporcionar ao educando a capacidade de

levá-lo a organizar de forma reflexiva seu pensamento, e consequentemente desenvolver a consciência crítica, ponto fundamental da educação.

Enfim o construtivismo foi um grande avanço nas práticas educativas, pois proporcionou um novo olhar sobre o processo de alfabetização. Parte-se do pressuposto de que ler e escrever não são ações separadas e uma depende da outra para o processo de ensino aprendizagem, que não basta apenas aprender a ler e a escrever de forma mecânica, seu papel importante é contribuir para a formação de cidadãos mais atuante, participativo e autônomo, de forma significativa na sociedade na qual este está inserido. Segundo Mortatti (2000, p. 10):

O construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas, como uma revolução “conceitual”, demandando dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidades da cartilhas.

Antes, acreditava-se que a criança era iniciada no mundo da leitura somente quando ingressa na escola, com o construtivismo percebe-se que o processo de alfabetização acontece de forma contextualizada e significativa, que leva em conta toda a experiência que a criança tem, antes mesmo de ser capaz de ler os signos escritos.

Tal prática busca favorecer a construção da escrita a partir das idéias construídas pelos alunos e promover a busca de informações específicas de que necessitem, tanto nos textos disponíveis como recorrendo às experiências vividas que proporcionaram um novo conhecimento.

Nesta perspectiva o construtivismo visa avaliar as etapas pela quais a criança vai passando durante o processo de alfabetização, respeitando sempre a individualidade de cada aluno. Partindo desse princípio é fundamental que a educação possa ir além da simples aquisição da escrita, mas, deixar claro que é necessário respeitar as potencialidades individuais de cada educando. “No lugar de uma criança que recebe pouco a pouco uma linguagem inteiramente fabricada por outros, aparece uma criança que reconstrói por si mesma a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe provê o meio”, de acordo com (FERREIRO e TEBEROSKY 1999, p.24).

No entanto, somente através de metodologias que tem como propósito promover o processo pedagógico, estará contribuindo efetivamente para ajudar esse aluno a compreender o mundo, ou seja, uma prática de ação-reflexão, que só o pleno domínio da leitura e escrita pode proporcionar. Dentro desse contexto na prática educativa nenhuma ação deve ser neutra ou isolada, mas, principalmente respeitar as características de cada aluno. A leitura não é apenas

codificar e decodificar, e sim, saber usar e refletir, questionar os códigos e particularmente usá-los no cotidiano, mas, é necessário um trabalho amplo e profundo e de longo prazo.

Sendo assim, o ato de ler, antes de tudo, precisa ser visto no meio educacional como um ato crítico para quem está aprendendo a ler e a escrever. Numa proposta construtivista de ensino, a sala de aula se transforma totalmente, criando-se o que se chama de ambiente alfabetizador. O ritmo da aula é dado pelos alunos, apesar de o professor ter a última palavra e manter a disciplina. Trabalha-se para não inibir os alunos e deixar que explorem a própria concepção de escrita. As noções de certo e errado desaparecem do vocabulário e aposentam-se as avaliações tradicionais para medir o desenvolvimento do aluno.

2.2.4 Letramento

A palavra letramento entra no cenário educacional brasileiro a partir do século XX, embora de acordo com alguns autores que definem o letramento é um “conceito social”, uma vez que, tem como foco principal demonstrar a importância do uso contínuo da leitura e da escrita nas mais diversas situações do sujeito em sua prática social. Alfabetizar letrando é o grande desafio para o processo de ensino aprendizagem que tem como objetivo maior a apropriação da leitura e da escrita.

Nessa concepção de proporcionar ao educando uma aprendizagem mais significativa buscando a vivência do aluno para levá-lo a organizar de forma reflexiva seu pensamento, e consequentemente desenvolver a consciência crítica. Conforme Soares (2004, p.74):

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional e cidadania.

Letramento pode ser definido como uma forma de socializar-se no meio em que vive. Nesse aspecto, o letramento é considerado como responsável direto em produzir resultados importantes, tais como: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional e cidadania.

Portanto, frente a essa nova realidade é fundamental uma da prática educativa que vise refletir sobre seu papel e propor novos rumos com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de cidadão críticos, participativos que possam transformar sua própria realidade.

No processo de alfabetização mais importante que decifrar símbolos (letras e palavras), é preciso compreender a funcionalidade da língua escrita, pois, dessa maneira a educação estará

de fato exercendo seu papel que é contribuir para a formação de cidadão mais atuante, participativo e autônomo, de forma significativa na sociedade na qual este está inserido.

Segue exemplo ilustrativo:

Figura 5 - Letramento



ANIVERSÁRIO NA SALA DE AULA

Adriana está fazendo sete anos.
 Seus colegas resolveram fazer uma festa surpresa. A professora Patrícia preparou tudo para a hora do recreio.
 Adriana ganhou vários presentes dos colegas e da professora. Pedro lhe deu um livro ilustrado; Bruna, um brinquedo; Breno, um porta-retrato; Cristina, um par de brincos de estrelinhas; e a professora, uma boneca com cheiro de frutas.
 Adriana ficou muito alegre com a “festa surpresa” e, depois de soprar as sete velinhas, agradeceu a todos com abraços e beijos.

Graça Batituci



1) Quantos anos Adriana está fazendo? _____

2) Qual é o nome da professora de Adriana? _____

3) O que a aniversariante fez depois de soprar as velinhas?

4) Quantos presentes Adriana ganhou? _____



Fonte: Google imagens

Nessa concepção nunca foi tão importante pensar no ensino como uma responsabilidade social, pois, é preciso buscar ações diferenciadas, ou seja, melhor forma de ações para melhoria do processo ensino-aprendizagem, de forma a tornar os paradigmas mais adequados à realidade do mundo moderno.

Segundo Freire (1987, p.8), “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender seu contexto, não uma manipulação mecânica de palavras, mas, uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. Desse modo, o processo de alfabetização deve proporcionar o educando a compreender os modos e funções da

linguagem oral e escrita em sua totalidade, se apropriando do conhecimento por meio de situações concretas. Desta forma, é fundamental no processo de aprendizagem, que no seu sentido amplo, venha respeitar e valorizar todas as suas peculiaridades.

Assim, letramento é um assunto complexo, contudo, o desafio de alfabetizar letrando é determinante para uma boa alfabetização para que de fato, esse processo surta efeitos positivos na vida do aluno. É primordial que no processo de alfabetização, tenha-se de criar condições para ajudar esse aluno a compreender o mundo, ou seja, promover atividades para que o aluno experimente situações diversificadas que somente um ambiente escolar com as rupturas de velhos hábitos de uma alfabetização puramente mecanizada, poderá fazer.

A escola, enquanto instituição deve criar mecanismos e desempenhar o seu papel de promover a alfabetização. Deve propor ambiente favorável, com presença de materiais escritos, com leitores e escritores adultos fazendo interação com os alunos, propondo a participação de todos, envolvendo todo um contexto de aprendizagem. De acordo com Soares (2003, p.71):

Letramento significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos.

Nesse aspecto, pode-se dizer que a criança, mesmo não compreendendo o ensino sistemático da leitura e da escrita, já apresenta graus de letramento, pois, de uma maneira ou de outra já fazem uso da leitura e da escrita em seu cotidiano. Depois que se iniciaram os estudos do letramento, o conceito de alfabetização não pode ser definido, ao simples ensinar a ler e escrever. É importante que, nas escolas não se ensine a ler apenas de forma mecânica, mas, que possa contribuir para um processo de identificação da sociedade a qual está inserida.

Para tanto, é primordial não apenas que a escola esteja voltada para práticas educativas que ajude o sujeito a decodificar os símbolos, mas, sim ser possível compreender no seu sentido mais amplo. Enfim, que o aluno possa fazer uma relação da escrita com o código oral, com a escrita do mundo real.

Mas, voltando-se para uma visão geral do papel da escola, é importante destacar também outras exterioridades, como o processo de capacitação dos profissionais e o seu compromisso com as ações da escola; a participação da família que precisamente deve acompanhar seus filhos; o cumprimento dos serviços de orientação e supervisão, em fim, cada profissional deve comprometer-se neste processo, pois, existe todo um conjunto de

responsabilidades que competem à evolução, fazendo assim, valer a função de cada um, para daí, a escola tornar-se instituição onde o *aprendizado* acontece.

O processo de leitura vai muito além da escrita (decodificação de símbolos) e dos muros escolares, pois, desde cedo, a criança está constantemente em contato com as letras em todos os momentos, como: teatro, pintura, objetos, dança e cabe a educação proporcionar um ensino sistemático para a aquisição da leitura e da escrita. Para (SOARES 1998, p.18), letramento é “o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler escrever; o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Nessa perspectiva percebe-se que a compreensão do processo de alfabetização tem sido visto de uma maneira diferente, não basta apenas aprender a ler e escrever, é essencial compreender melhor o uso da língua.

Aprender a ler e a escrever, lendo e escrevendo é um dos princípios da proposta de alfabetização com textos. Essa prática requer um conjunto de procedimentos de análise e de reflexão sobre a escrita, que exigem uma elaboração cognitiva por parte do aluno, assim vem rompendo paradigmas a respeito do processo de alfabetização. Segundo Soares (1998, p.20):

Só recentemente esse oposto tornou-se necessário, porque só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e escrever, saber responder as exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente.

Na sociedade grafocêntrica, os educandos convivem constantemente com o letramento, têm acesso a textos significativos que representam as ações humanas e permitem contato com o mundo letrado, e quando chegam à escola parece que esse conhecimento é esquecido, passando a considera - lá como um analfabeto sem nenhum conhecimento da língua escrita.

2.3 Alfabetização na Perspectiva Histórico-Crítica

Depois da ditadura Militar com o intuito de fazer uma redemocratização das escolas brasileiras, surge uma nova concepção a pedagogia histórico crítica com a intenção de provocar mudanças na sociedade.

Desse modo, a perspectiva histórico crítica busca descentralizar e democratizar o ambiente escolar em todos os aspectos social, nessa nova configuração a educação não pode está resumida apenas trabalhar conteúdos. Com isso, percebe-se que a função da escola é proporcionar ao indivíduo um novo conhecimento partindo sempre do senso comum do aluno,

ou seja, socialização do saber sistematizado com assimilação do saber do aluno. Conforme Saviani (2011, p.201):

Conclui que o papel da escola não é mostrar a face visível da lua, isto é, reiterar o cotidiano, mas mostrar a face oculta, ou seja, revelar os aspectos essenciais das relações sociais que ocultam sob os fenômenos que se mostram a nossa percepção imediata.

Nesse contexto, o professor não é mais um mero transmissor do conhecimento, deve-se aí, posicionar-se frente aos problemas de sua área contribuindo para o desenvolvimento do aluno, trazendo questionamentos, indagando e favorecendo ao processo de ensino aprendizagem, através de um diálogo entre educador e educando. Lembrando que no processo de ensino aprendizagem é preciso haver um equilíbrio entre aquilo que o indivíduo sabe com o que precisa aprender.

A Pedagogia Histórico-Crítica, busca uma educação que possa atender as camadas populares, priorizando sempre que seja respeitada a experiência inicial do aluno, ou seja levar o educando ao conhecimento científico, assim, cabe a escola proporcionar o conhecimento sistematizado contribuindo na formação de sujeitos críticos, participativos, conscientes e formadores de opiniões.

Enfim, essa teoria viabiliza buscar novos caminhos para prática pedagógica organizando metodologias para obter sucesso, onde o conhecimento será construído e reconstruído durante o processo educativo de aprendizagem, propondo assim, cinco novos passos para reorganização de novas metodologias para melhoria do ensino. São eles Prática social, Problematização, Instrumentalização, Catarse e Prática social final.

Prática social inicial teve início com o intuito de resgatar a importância da escola, consiste basicamente em apresentar os conteúdos de forma sistematizada, este é o ponto inicial, é neste momento que o aluno traz toda experiência e todo o conhecimento prévio sobre o conteúdo, onde a interligação do cotidiano à sala de aula acontece, aqui ocorre o contato inicial com o conteúdo a ser estudado. Conforme Gasparin (2003, p.15) enfatiza:

O primeiro passo do método caracteriza-se como uma preparação, uma mobilização do aluno para a construção do conhecimento escolar. É uma primeira leitura da realidade, um contato inicial com o tema a ser estudado (...) uma das formas para motivar os alunos é conhecer sua prática social imediata a respeito do conteúdo curricular proposto.

Compreende-se aqui, a garantia de, não apenas à formação do cidadão crítico, autônomo pensante, mas, principalmente a sua inserção na sociedade, de modo a contribuir para a sua transformação individual e coletiva.

Problematização, o segundo passo visa buscar o conhecimento por meio de sua ação, a fase que acontece às discussões dos conteúdos propostos e as várias dimensões que este abrangerá para que assim, se possa fazer uma análise da realidade, essas dimensões podem atingir o conceitual/científico, histórico, social, econômico, político, entre outras. Acredita que “A problematização é um desafio, ou seja, é a criação de uma necessidade para que o educando, através de sua ação, busque o conhecimento”, Gasparin (2003, p. 35).

É na escola que o aluno desenvolverá aptidões, habilidades, atitudes e valores necessários para que se torne um cidadão capaz de interagir na sociedade. Enfim, todos têm conceitos estabelecidos a respeito da tarefa da escola, a sua função é favorecer a reformulação dos conceitos originários do senso comum em conceitos científicos.

Instrumentalização, o principal objetivo é apresentar de forma sistemática os conteúdos, o educador passa a ser um mediador do processo de ensino aprendizagem, esta fase é o eixo que o educando irá apropriar-se de recursos para aperfeiçoar seus conhecimentos prévios demonstrados na prática social inicial. Para Gasparin (2003. p. 51/52):

[...] os sujeitos aprendentes e o objeto da sua aprendizagem são postos em recíproca relação através da mediação do professor. É sempre uma relação triádica, marcada pelas determinações sociais e individuais que caracterizam os alunos, o professor e o conteúdo. Nenhum dos três elementos do processo pedagógico é neutro, todos são condicionados por aspectos subjetivos, objetivos, culturais, políticos, econômicos, de classe, do meio em que se encontram ou de onde provêm. Por tudo isso, a aprendizagem assume as feições dos sujeitos que aprendem, do objeto de conhecimento apresentado e do professor que ensina.

É função da educação garantir não apenas seu acesso, mas, prioritariamente contribuir para o seu processo de aprendizagem, competências necessárias para o pleno desenvolvimento da cidadania. Nesse contexto cabe a escola proporcionar um ambiente que possibilite a busca de conhecimento, mas, para alcançar seu objetivo é primordial que a princípio seja um lugar acolhedor que seja capaz de recriar e tornar um sujeito autônomo e consciente do seu papel perante a sociedade.

Catarse, nessa etapa o educando tem uma nova visão a respeito dos conteúdos, ou seja, já é possível fazer uma unificação do cotidiano e do científico, é o momento para saber o que foi atingido, qual a análise por parte do educando em relação ao conteúdo trabalhado, o mesmo irá fazer um resumo desde a síntese à síntese. Esta fase é o momento que o aluno demonstra o que de fato aprendeu, ele manifesta aqui, a real aprendizagem através de um novo conceito. Gasparin (2003, p. 22) nos mostra a suma importância deste momento:

A catarse é a síntese do cotidiano e do científico, do teórico e do prático a que o educando chegou, marcando sua nova posição em relação ao conteúdo e à forma de sua construção social e a reconstrução na escola. É a expressão teórica dessa postura mental do aluno que evidencia a elaboração da totalidade concreta em grau intelectual mais elevado de compreensão. Significa, outrossim, a conclusão, o resumo que ele faz do conteúdo aprendido recentemente. É o novo ponto teórico de chegada; a manifestação do novo conceito adquirido.

Prática social final visa buscar uma nova proposta pedagógica, ou seja, uma ação do que já foi aprendido pelo aluno, buscando novos conhecimentos científicos. Neste momento o educando volta a sua prática social com um novo conceito social, onde o mesmo através de seu agir independente auxilia em sua transformação, mostrando assim a dialética entre prática – teoria - prática. Gasparin (2003, p. 143) pela perspectiva histórico-crítica esclarece:

O ponto de chegada do processo pedagógico na perspectiva Histórico-Crítica é o retorno a Prática Social. Esta fase representa a transposição do teórico para o prático dos objetivos da unidade de estudo, das dimensões do conteúdo e dos conceitos adquiridos.

Por fim, uma prática educativa que possa usar métodos que ajude o aluno no processo de aprendizagem, que seja mais dinâmica para os alunos, assim o professor tem um papel fundamental de proporcionar aos alunos a serem agentes da construção do seu próprio saber. O papel da educação em todos os níveis é buscar a interação da escola com as experiências cotidianas do educando de acordo com sua origem, seus costumes e seus valores.

3 METODOLOGIA

A presente monografia contou com uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa empírica, com uma abordagem qualitativa. A princípio fez-se o trabalho de pesquisa bibliográfica, que para Severino (2007, p. 122) é:

Aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das construções dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Para tanto, se faz necessário esse tipo de pesquisa, que, considerando o tema observado, colabora-se para uma melhor compreensão sobre os diversos autores que contribuíram e que continuam contribuindo para a prática de ensino e o que eles pensam sobre o método de ensino.

Em seguida, realizou-se uma pesquisa de campo, para Severino (2007, p. 123):

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim, diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (*surveys*), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.

Nesta pesquisa foi possível aproximar-se do ambiente escolar para saber como os professores estão trabalhando nas salas de alfabetização.

A escola pública pesquisada, atende há mais de 20 anos a população da classe trabalhadora nos turnos matutino e vespertino, além do período noturno com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Localiza-se na cidade de Jarú, no Estado de Rondônia.

A pesquisa empírica iniciou-se no dia 08 de junho de 2015, no período matutino, com a apresentação formal à direção. No mesmo dia, realizaram-se duas entrevistas semiestruturadas. De acordo com Gil (1999, p. 120), na entrevista semiestruturada “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. Nesse sentido, existiam algumas questões base, entretanto flexíveis.

Realizou-se a pesquisa com duas diferentes profissionais da educação que atuam diretamente em sala de aula do primeiro ano do Ensino Fundamental, sendo a primeira entrevista realizada no período matutino com a professora identificada como Professora A e segunda no período vespertino, realizada com outra professora identificada como Professora B.

Explica-se que as conversas foram realizadas numa sala de professores, onde, no momento foi disponibilizada somente para este fim, havendo apenas entrevistadora e entrevistada.

Após as entrevistas, foram realizadas as observações nas respectivas salas de alfabetização no período de 09 a 18 de junho de 2015. No período da manhã foram feitas as observações na sala da Professora A e no período vespertino, na sala da Professora B. No decorrer das observações não houve participação do pesquisador.

4 ANÁLISE DE DADOS

A observação de campo foi realizada em duas turmas de alfabetização de uma escola pública de Jarú. As professoras serão identificadas aqui como Professora A e Professora B. A Professora A é formada em Pedagogia, possui Pós-Graduação *Lato Sensu* em “Psicologia e Orientação escolar”, atua no magistério há 24 anos e na alfabetização há 13 anos. Sua última capacitação foi no PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, em 2014. O Pacto foi um compromisso assumido pelo Governo Federal, Estados e Municípios para garantir que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ou seja, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental. Segundo Brasil (2015, p.11):

É um compromisso formal assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e Municípios para assegurar a plena alfabetização de todas as crianças até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. [...] as Ações do Pacto compreendem um conjunto integrado de programas, materiais e referências curriculares e pedagógicas, disponibilizados pelo Ministério da Educação, que contribuem para a alfabetização e o letramento, tendo como eixo principal a formação continuada dos professores alfabetizadores.

A Professora A expõe a importância da formação continuada e descreve com ênfase a participação não somente de si, mas de seus colegas de trabalho no Pacto. Para ela: “é importante que todos os profissionais da escola realizem as capacitações disponibilizadas pela Secretaria de Educação”. Ela destaca que isso é essencial para obter êxito numa prática construtiva em sala de aula, pois, espera-se que esses cursos de formação sejam pensados verdadeiramente para as dificuldades dos educandos e como uma direção para o trabalho pedagógico.

De acordo com Zabala (1998, p. 13), “um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Esta competência é adquirida mediante o conhecimento e a experiência”. Nesse contexto, além da formação, é fundamental ter conhecimento e prática do universo escolar. Retratando Zabala (1998), quanto mais experiências com salas de alfabetização, maior será a contribuição para a formação dos alunos.

No proceder das observações pode-se constatar que a Professora A faz um trabalho sério, busca trazer aos alunos o desenvolvimento e a compreensão no processo de aquisição da aprendizagem. A Professora B, diz que não possui formação superior e relata: “este é o primeiro ano que estou trabalhando como professora. Não possuo nenhuma formação, mas procuro me aperfeiçoar na prática do dia-a-dia. Sempre que preciso busco ajuda com os próprios

profissionais da escola”. A Professora B, responde com sinceridade que não possui formação superior na área da educação e deixa bem claro que não está cursando nenhum curso superior para ocupar a função que lhe atribuem. Apesar disso, mostrou-se bastante interessada em alfabetizar seus alunos.

Percebeu-se esforço, mas por outro lado, viram-se aulas “confusas” apesar de serem relativamente parecidas com as aulas da Professora A. Isso se deve ao fato da Professora A ajudar na elaboração de seus planos de aulas e tirar dúvidas sempre que necessário. As observações permitiram perceber as aproximações entre ambas que serão explanadas nos próximos tópicos.

4.1 As condições de ensino na escola pesquisada

A escola disponibiliza de materiais considerados bons, como livros didáticos e infantis, recursos como a internet, sala de vídeo e de leitura, sala de informática, entre outros recursos pedagógicos, entretanto são em pouca quantidade. O espaço, por sua vez é suficiente, mas, o tempo para a efetivação de todo o processo acerca do ensino e da aprendizagem é insuficiente.

As professoras pesquisadas informam que utilizam recursos didáticos, muitas vezes confeccionados por elas mesmas com materiais reciclados, o que dão suporte às suas aulas e consequentemente possibilita ao aluno uma melhor interação para um processo de ensino aprendizagem. Observou-se que os recursos confeccionados pelas professoras, foram utilizados em apenas uma aula da Professora B, nas outras atividades foram jogos e brinquedos já prontos, disponibilizados pela escola. A Professora B fez uma atividade de matemática com jogos de soma utilizando material confeccionado em papelão e escrito números em tamanho grande, foi utilizado durante boa parte do tempo da aula em apenas um dia. Segundo tal Professora esse material facilita durante a atividade para alcançar o objetivo. Os alunos participaram, em sua maioria, com atenção e entusiasmo.

Constatou-se a realização de projetos e planejamentos pelas professoras, os mesmos são executados mensalmente e os planejamentos semanalmente. Afirma a professora B: “executo projeto mensal, o mesmo é flexível e pode ser reformulado durante o período”. Esclarece também a professora A: “o planejamento é semanal, todavia aplico conforme os acontecimentos do dia, ou mesmo a necessidade, ocupo-me em preparar atividades de acordo com o desenvolvimento dos alunos, nos mês seguinte reforço o que não produziu efeito satisfatório”. O planejamento de cada professor é um instrumento que permite trabalhar os conteúdos direcionados pelos PCNs e o Projeto Político Pedagógico da escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. (BRASIL, 1997, p. 13).

Durante a observação viu-se que as salas são propícias à alfabetização, sendo: coloridas, com figuras, números e letras visíveis o tempo todo para os alunos. Existe a valorização da experiência dos alunos, ou seja, as professoras levam em consideração a “bagagem” trazida pelos mesmos, principalmente a Professora A. Segundo tal Professora o aluno é um leitor principiante e é preciso compreender suas expressões de leituras dando-as significados, pois as interações da criança com as letras, figuras e números, entre outros, é o que acredita constituir a linha do trabalho pedagógico.

Em meio às dificuldades pela falta de formação e experiência, a professora B baseia-se nos planejamentos e planos de aulas de profissionais já experientes, e segundo ela, isso ajuda para que possa efetuar suas aulas da forma mais competente e explica:

Eu sei que preciso me especializar, mas enquanto não começo a faculdade procuro ajuda sim, porque é mais seguro aprender com quem sabe, pois elaboro meus projetos baseando em outros já realizados em outras turmas anteriores para colaborar nos processos de ensino e tem dado certo.

A Professora B acredita que encontrou assim, um meio para trabalhar sem prejudicar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

4.2 O método pretendido e utilizado pelos professores do 1º ano e as dificuldades encontradas no processo de alfabetização

Com a Professora A, viu-se a utilização de métodos variados, uma vez que, segundo ela, todos possuem pontos positivos e negativos. Ela explica, “procuro ater-me aos pontos positivos, entendo que cada criança é única e possui sua própria maneira de aprender”. A Professora A diz considerar ainda, todo o conjunto de fatores que envolvem a vida do aluno para daí, iniciar um método com este aluno, reforça que ensina valorizando as diferenças de cada aluno. Apesar de a Professora defender que devem ser aproveitados os pontos positivos de cada método. Afirmam que “temos uma sala de aula construtivista quando o professor admite as diferenças no processo de aquisição do conhecimento; isso significa dizer que para atingir

um objetivo podem-se percorrer caminhos diferentes com respostas diferentes”, Nogueira e Pilão (1998, p. 44).

Ainda sobre o método de ensino A Professora B, explica: “estou tentando elaborar aulas que possibilitam de fato o aprendizado, os alunos ‘cansam’ muito rápido de aulas monótonas, então tenho que criar aulas significativas e dinâmicas ao mesmo tempo”. Segundo ela, utiliza métodos práticos e condizentes com o dia a dia dos alunos, diz considerar os conhecimentos prévios dos alunos e compreender que cada um aprende de forma diferente, não afirma métodos bons ou ruins existentes em sala e a princípio, não esclarece com precisão métodos ‘a’ ou ‘b’.

Dentre as respostas das Professoras, na entrevista, existe uma concordância entre elas em afirmar que não existe um único método eficaz para o processo de alfabetização e respondem a questionamentos sobre os métodos, cita-se primeiro a Professora A:

É difícil definir método, pessoalmente não existe o método ‘padrão’, eu estou frente a uma sala de aula sei das deficiências no processo de ensino aprendizagem e procuro moldar a minha forma de ensinar com responsabilidade, o ensino deve ocorrer conforme as necessidades da minha turma, compreendo a importância dos pressupostos, mas muitas vezes não tem como seguir ao ‘pé da letra’, defino o método como uma pré organização para facilitar a minha aula e fazer com que o aprendizado ocorra de fato, mas utilizo de meios que estão condizentes com a nossa realidade ou a da minha turma.

Em seguida a Professora B:

Método é apenas um meio que podemos encontrar para ajudar no processo de ensino e aprendizagem, se bem compreendido pode melhorar para uma atuação pedagógica, favorecendo, o pleno desenvolvimento do educando.

O que pode-se perceber é que as professoras não defendem um método e confundem método com metodologia e técnicas de ensino. A tentativa de junção de métodos diferenciados é chamada por Triviños (1987, p. 15) de ecletismo, ou seja, a falta de disciplina teórica ou “ausência de coerência entre os suportes teóricos que, presumivelmente” orientam a prática pedagógica. Nesse sentido, as professoras não demonstraram uma base filosófica, psicológica e pedagógica que justificassem a escolhas das metodologias utilizadas.

A Professora A destaca a sua apreciação por aulas mais dinâmicas e relata que acredita proporcionar diversos momentos de reflexão entre os alunos, ela explica também que isso colabora para o respeito nas características individuais, no que refere ao desenvolvimento. Em uma determinada aula pôde-se constatar uma aula dinâmica, a professora formou grupos de três ou quatro alunos e distribuiu revistas e jornais velhos para que pudessem recortar e formar sílabas ou palavras dando a sugestão entre os grupos para trocarem estas sílabas ou palavras,

além de atividades que uniam língua portuguesa e matemática. Foi assistida uma atividade que estava em andamento, em que os alunos ouviam as palavras um do outro, inclusive formavam suas palavras dentro dos grupos e depois trocavam com os outros grupos inventando histórias. Os alunos não escreviam as histórias, somente formavam sílabas e palavras.

A professora A diz acreditar que os alunos aprendem de forma e tempo diferente, por isso explica a opção de aulas realizadas com atividades individuais e coletivas, o que de fato ocorreu durante as observações, segundo ela é para observar com maior precisão se estão realmente aprendendo a ler e a escrever.

Com a Professora B, observou-se também aulas dinâmicas, porém em apenas dois dias dos cinco observados, sendo atividade bem participativas. Trabalhou jogos matemáticos, em que as crianças demonstraram interesse, utilizaram-se jogos feitos com materiais de papelão, escritos com números bem grandes que formavam contas de adição e subtração e davam-se as respostas com estes números já prontos e “chamativos” aos olhos da criança.

De acordo com a Professora B, as crianças aprendem mais e fazem com mais prazer as atividades propostas quando o assunto é jogar e aprender ao mesmo tempo. Observa Kraemer (2007, p. 12):

Pela participação nas atividades lúdicas educativas, a criança e o adolescente socializam-se, têm oportunidade de participar de grupos sociais diferentes, exploram e compreende seu ambiente, o que lhes abre as portas para o conhecimento. [...] as atividades lúdicas educativas têm um papel muito importante na aprendizagem dos alunos de todas as séries e níveis, fazendo do aprendizado um momento agradável e prazeroso.

Ainda com a Professora B o que se observou nas aulas com tais jogos foi a participação em geral da turma, pois, durante os jogos as crianças não se preocupavam com o tempo em sala de aula. Viram-se aulas reflexivas em que os alunos interagiam bastante respeitando e se agradando das atividades, segundo a professora B, conseguiu-se alcançar o objetivo, por outro lado, foram apenas dois dias consecutivos com a mesma atividade, elaborada conforme plano de aula.

Trazendo-se de fato as observações sobre as turmas, a Professora A prioriza o respeito do tempo da criança em cada fase da vida escolar. Por outro lado, defendem que o desenvolvimento pode ser ativado ou protelado mediante as condições que o meio lhe oferecer. Os autores destacam a importância do professor como um agente dinamizador do processo educativo, “provocando situações com possibilidades reais para que as crianças criem e ativem seu conhecimento concretamente, provocando, consequentemente, seu desenvolvimento”, Nogueira e Pilão (1998, p. 39).

Com a Professora B o que foi possível observar, a professora ensinou a escrita e a leitura, na maioria dos dias, aparentemente de maneira tradicional. A título de exemplo, em uma das aulas, a professora “tomou leitura” dos alunos da seguinte maneira: enquanto a maioria da turma faziam leituras livres, jogos e brincadeiras dentro da sala de aula, os alunos selecionados por apresentarem maior necessidade em aprender a ler e escrever ficavam sentados em cadeiras enfileiradas do lado de fora da sala. Tais alunos faziam a leitura de um texto considerado pequeno e bem ilustrativo, a professora sentava com cada um e ouvia, segundo ela, isso ajudava na leitura. A professora B seguia fazendo este trabalho e os alunos iam voltando para dentro da sala, ela afirmou que, sempre que necessário ela estava repetindo esta atividade buscando ajudar no processo da aquisição da leitura de maneira individual. Ela repetiu essa técnica no decorrer da semana com três ou quatro alunos por dia, a mesma diz ainda que faz conforme o tempo e procura não atrapalhar as demais atividades em sala.

Outros exemplos de escrita utilizados por ambas Professoras foram de atividades impressas, utilizando não somente os livros didáticos. Utilizaram recursos como a internet para imprimir atividades interdisciplinares para a alfabetização, como: ligue, complete os números ausentes, escreva os nomes das figuras dos animais, leitura e escrita de pequenos textos, entre outros. Todas as atividades foram apontadas pelas Professoras como importantes para o pleno desenvolvimento.

Professora A mostrou maior intimidade com a turma e disse observar o desempenho da turma de maneira geral, destacando os alunos com maior dificuldade ou necessidade de atenção no processo de ensino e aprendizagem. Embora, “aparentemente” pode-se ver uma preocupação em relação ao desempenho dos alunos quanto às duas Professoras, por outro lado percebeu-se aulas bem parecidas, exceto quando houve o trabalho com jogos e brincadeiras.

Em relação as dificuldades em alfabetizar as crianças, a Professora A explica que são vários os fatores que influenciam no desenvolvimento da criança, cita exemplo como fator social e esclarece:

O aluno que está adaptado a uma determinada sala de aula cotidiana, se este aluno deparar com uma mudança de repente, certamente irá ter mudança em seu processo de desenvolvimento também, os fatores externos são bastante influenciadores.

Segundo Nogueira e Pilão (1998, p. 42):

Entendendo o desenvolvimento infantil a partir das múltiplas interações sociais, o ambiente escolar é o local onde a criança terá oportunidades mais intensas de participar, interagir com seus pares, vivenciando e aprendendo a resolver problemas mais complexos.

A professora A explica que é emocionante, porque as crianças chegam às salas de aulas seguras e confiantes, pois acreditam estar com uma pessoa forte e defensora e relata muitas vezes o educador em sala, está tão indefeso frente às questões polêmicas da educação, quanto a própria criança.

A nossa educação em geral, atravessa sempre por mudanças, na tentativa de acertar e de melhorar, só que, muitas vezes acaba prejudicando ainda mais, as crianças ficam como ‘bonequinhos, coloca aqui, coloca ali’, ainda há muito que se fazer para alcançarmos uma educação de qualidade, e nós professores temos que estar preparados para ajudar nossos alunos que, confiam e acreditam em nós.

Conforme Brasil (1994, p. 16):

Um ser humano completo que, embora em processo de desenvolvimento e, portanto depende do adulto para sua sobrevivência e crescimento, não é apenas um “vir a ser”. Ela é um ser ativo e capaz, motivado pela necessidade de ampliar seus conhecimentos e experiências e de alcançar progressivos graus de autonomia frente às condições de seu meio.

Sobre os níveis de alfabetização que se encontram os alunos, afirma a Professora A:

A turma não atingiu 100% do que se esperava, baseando-se em turmas anteriores, pois, a mudança na Lei Federal inseriu os alunos com 05 anos de idade no 1º ano, alunos estes que, não tem maturidade nem preparo suficiente para o que é exigido, considero que foi ‘queimada’ uma etapa na sua experiência escolar. Considerando a data do ano (junho de 2015), o que se pode dizer sobre os meus alunos é que a maioria encontra-se na fase pré-silábica, porque já reconhecem que estão escrevendo, entendem o uso da letra para escrever e se comunicar, não se importa com a ordem que elas escrevem as letras, enfim as escritas dos alunos estão ainda instáveis. Elas usam letras mais comuns como letras do seu nome, ou de palavras que observam com maior frequência.

E afirma também a Professora B:

Não possuo muita experiência ainda sobre os níveis de alfabetização, mas acredito que estão no caminho certo, porque estão se familiarizando com as letras, mesmo escrevendo letras ‘soltas’, eles conseguem transmitir a mensagem da escrita, mesmo que só eles traduzem aos demais da turma. Alguns alunos já conhecem as letras e sabem como escrever. (Professora B)

Fazendo um comparativo entre as profissionais é notório que a Professora A tem maior distinção do que seria nível de alfabetização de seus alunos. Em relação a idade para ensinar ler e escrever, Vigotski (2007, p. 143) destaca:

Não negamos a possibilidade de ensinar leitura e escrita as crianças em idade pré-escolar; pelo contrário, achamos desejável que crianças mais novas entrem para a escola, uma vez que já são capazes de ler e escrever. No entanto, o ensino tem de ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças.

Nesse sentido, o autor defende um ensino “relevante à vida” e que ler e escrever sejam reconhecidos como uma atividade cultural humana de alta complexidade. A Professora A demonstrou preocupação em relação a idade e a utilizou para justificar a dificuldade na aprendizagem de seus alunos, típico de defensores do método construtivista que defendem que primeiro a criança precisa se desenvolver e que simultaneamente, aprendem.

Em relação aos níveis de alfabetização, o que se viu entre as turmas foi a diversidade permeando cada turma. Alguns alunos estavam na fase pré-silábica, outros na silábica, por exemplo, em uma das tarefas de sala da Professora A, formaram sílabas e juntaram formando pequenas palavras, houve ainda a formação de frase através de atividades como complete as palavras, com sílabas iniciais, cruzadinhas, escrita da palavra colocando a letra em cada quadradinho, teve ainda jogo de dominó com figuras e letras, além de trabalhos em grupos, jogo da memória, quebra-cabeça, entre outras atividades de alfabetização.

A Professora A, cita como outra dificuldade na Alfabetização, a ausência da família na vida escolar dos alunos: “é muito preocupante porque há uma boa porcentagem da turma que infelizmente não pode contar com essa ajuda”. A mesma apresenta ainda atas das reuniões que acontecem na escola e mostra a lista com os nomes de pais, porém, com poucas assinaturas, a maioria em branco o que prova a ausência destes pais ou responsáveis na escola de seus filhos.

As dificuldades da leitura e escrita existem, devo me aproximar o quanto puder dos alunos para conhecer na íntegra as suas dificuldades, por exemplo, a criança está na escola, supostamente um ambiente alfabetizador, mas a nossa realidade ainda, é que a criança passa seu maior tempo em casa e não na escola, por isso destaco muito a presença da família na vida escolar dos meus alunos, por outro lado existem os métodos de ensino, as dificuldades de aprendizagem e as do próprio ensino, são inúmeras, procuro ater-me a realidade dos meus alunos, a nossa em geral e trabalhar na construção do conhecimento juntos, sendo apenas uma professora facilitadora nesta construção (Professora A).

Sabe-se que a colaboração na família no processo de alfabetização seria de suma importância para a escola, entretanto um estudo científico defendendo ou não tal interferência necessita de estudos específicos e foge ao foco do presente trabalho.

A Professora B destaca como dificuldade seu próprio ensino, devido sua inexperiência com alunos e como professora diz estar se familiarizando com técnicas e métodos de ensino.

Reafirma que procura aprender com professores mais experientes e está sempre se baseando nos planos de aulas e analisando projetos de professores mais capacitados. Ela reforça também a ausência da família na vida escolar dos alunos. Fala ainda dos livros que utiliza como base em suas aulas, afirma que as tarefas muitas vezes não condizem com a realidade dos alunos nem da própria escola e por isso busca outros recursos.

Percebeu-se nas observações das duas turmas que existe tempo mal aproveitado, com muita dispersão entre uma atividade e outra, as vezes até mesmo no decorrer das atividades. Por exemplo, viram-se aulas em que os alunos estavam concentrados, com jogos, leituras, escritas, participativas, mas ao mesmo tempo entra alguém na sala e para tudo. Existiu inúmeros casos de interrompimento das aulas com “entra e sai” na sala, inclusive de outros profissionais da educação atuantes da escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou identificar o contexto do ensino nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Jarú/RO. Para tal, o método de ensino utilizado pelos professores, as condições de ensino e as dificuldades encontradas no processo de alfabetização.

O que se viu na pesquisa foram professores com diferentes níveis de dificuldades e de preparação para alfabetizar, principalmente no que tange o método de ensino, não demonstrando clareza quando afirmavam trabalhar ‘esse’ ou ‘aquele’ método de alfabetização. As professoras não defendem um método e confundem método com metodologia e técnicas de ensino. Embora não tenham feito uma definição concreta referente ao método utilizado na alfabetização, ora trabalhavam com o método alfabético, ora com o construtivismo, mas com maior frequência, o método silábico.

É primordial uma boa formação para os educadores, tanto a inicial quanto a continuada, com estudos teóricos e práticos capazes de delimitar uma prática pedagógica embasada teoricamente.

Sobre as condições da escola, é certo dizer que a instituição disponibiliza de materiais considerados bons, como livros didáticos e infantis, recursos como a internet, sala de vídeo e de leitura, sala de informática, entre outros recursos pedagógicos, entretanto são em pouca quantidade. Ou seja, não são suficientes para as demandas. Faz-se necessário maiores investimentos na área da Educação e enquanto isso não acontece percebe-se professores produzindo materiais a partir de sucata e tentando tornar suas aulas motivadoras mesmo sem os materiais necessários.

As dificuldades anunciadas pelas professoras se pautaram na idade das crianças que frequentam a classe de alfabetização e a falta da participação da família na escola. Segundo observações e relatos, citou-se a idade devido ao comportamento disperso das crianças, sendo que as mesmas gostam de brincar mais, comparadas ao das turmas anteriores e a “maturidade” das crianças é exigida ainda que de maneira oculta. O que ocorreu foi que no corrente ano foram matriculadas crianças de 5 anos nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, diferente dos anos anteriores que entravam a partir dos 6 anos de idade. Tal ação foi mais um descaso com a Educação pelos governantes, pois só foram matriculadas no 1º ano devido a falta de oferta da Educação Infantil que é obrigatória.

Contata-se que há muito que se avançar na área da Educação, os professores precisam de melhor formação e melhores condições de trabalho. Não se pode tolerar que os alunos das

classes de alfabetização sejam utilizados como “cobaias” de um professor sem formação e sem experiência, mesmo ele demonstrando boa vontade em aprender, bem como os colegas demonstrando boa vontade em auxiliá-lo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1994.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental MEC/SEF, 1997.

_____. **Educação**, Google Analytics. Disponível em: < <http://pacto.mec.gov.br/index.php>. Acesso em: 08 ago. 2015.

CAPOVILLA, Fernando; SEABRA, Alessandra G. **Alfabetização**: método fônico. 5. ed. São Paulo: Memmon, 2010.

DEWEY, Jonh, **Vida e Educação**. Tradução Anísio Teixeira. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização e cultura escrita**. Nova Escola. São Paulo: Abril 2003.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos de ensino e conteúdos de alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais educação. **Revista do centro de educação dossiê de alfabetização**. Universidade Federal de Santa Maria, vol. 32, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASPARIN, J. L. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KRAEMER, Luzia Maria. **Quando brincar é aprender**. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 21. ed. São Paulo. Loyola, 2006.

MORTATTI, Maria do R. L. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: UNESP, CONPED, 2000

NOGUEIRA, Eliete Jussara. PILÃO, Jussara Moreira. **50 Palavras**: O Construtivismo. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

SANT'ANNA, Ilza Martins; MENEGOLLA, Maximiliano. **Didática**: Aprender a Ensinar. Técnicas e reflexões pedagógicas para formação de formadores. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988.

_____. **Pedagogia histórico - crítica**: primeiras aproximações. 9. ed. – Campinas, SP: Autores associados, 2005.- (coleção educação contemporânea).

- _____. **Escola e Democracia**. 39. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- _____. **Escola e Democracia**. Campinas SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Contemporânea).
- _____. Antecedentes, origem e desenvolvimento da pedagogia histórico-crítica. In: A.C.G. Marsiglia. (Org.). **Pedagogia histórico crítica 30 anos**. Campinas, São Paulo, autores associados, 2011.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOARES, Magda. **Letramento um tema três gêneros**. Belo Horizonte: CEALE/ autentica, 1998.
- _____. Letramento e escolarização. In: Ribeiro, Vera Masagão. (Org.). **Letramento no Brasil reflexão a partir do INAF**. São Paulo, 2003.
- _____. **Alfabetização e letramento caderno do professor**. Belo Horizonte, 2004.
- TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.). **Aula: Gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas, SP: Papirus, 2008. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Trad. Ernani. F. da F. Rosa, Porto Alegre: Artmed, 1998.

APENDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES.

PESQUISADOR (A): ROSENI DE SOUZA SOARES

Caro Professor (a) _____

O presente trabalho objetiva identificar o contexto do ensino nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Jaru/RO. Como objetivos específicos são traçados, verificar: as dificuldades encontradas no processo de alfabetização; o método pretendido e utilizado pelos professores do 1º ano; as condições de ensino na escola pesquisada.

- 1- Caracterização: formação, tempo de serviço no magistério e tempo que trabalha com alfabetização, capacitações recentes (último ano).
- 2- Qual método você utiliza para alfabetizar os seus alunos? Explique como funciona? Por que utiliza este?
- 3- Quais são as dificuldades encontradas na alfabetização de seus alunos? Explique.
- 4- Como está o nível de alfabetização de seus alunos nesta época do ano (junho)? Você está satisfeito com o desenvolvimento dos alunos?
- 5- Quais materiais você tem disponível para suas aulas? Você considera suficiente?
- 6- Você realiza planejamento? Como é (semanal, diário)? Trabalha com projetos? O tempo é adequado?